



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE PSICOLOGIA

JHAMILY DE SOUSA TOMAZ

ARRANJOS DO FEMININO: CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE

Campina Grande - PB
2019

JHAMILY DE SOUSA TOMAZ

ARRANJOS DO FEMININO: CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado no curso de graduação em
Psicologia da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do
título de bacharel/licenciado em Psicologia.

ORIENTADORA: Prof^a. Dr^a Jailma Belarmino Souto.

**Campina Grande - PB
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

T655a Tomaz, Jhamily de Sousa.
Arranjos do feminino [manuscrito] : contribuições da
Psicanálise / Jhamily de Sousa Tomaz. - 2019.
20 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Ciências Biológicas e da Saúde, 2019.
"Orientação : Profa. Dra. Jailma Belarmino Souto ,
Departamento de Psicologia - CCBS."
1. Feminino. 2. Sexuação. 3. Psicanálise. I. Título
21. ed. CDD 150.195

JHAMILY DE SOUSA TOMAZ

ARRANJOS DO FEMININO: CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao curso de graduação em Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel/licenciado em Psicologia.

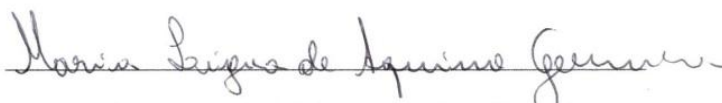
Aprovada em: 26/03/2019.

BANCA EXAMINADORA



Prof^ª. Dr^ª. Jailma Belarmino Souto (Orientadora)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof^ª. Dr^ª. Maria Lígia de Aquino Gouveia

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof^º. Dr^º. James Ribeiro Soares

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Aos meus pais, pela dedicação, investimento e
confiança depositados, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que em seu gigante amor me proporcionou muita saúde, força, coragem e sempre colocou as melhores pessoas ao meu lado na vida e durante o curso, deixando a trajetória de graduação muito mais leve.

Agradeço muito aos meus pais, Josefa e João, por todo amor, carinho, exemplo, ensinamentos, abraços, investimento e confiança depositados em toda minha trajetória educacional, sem os quais esse trabalho não se faria possível. A vocês todo o meu amor.

Agradeço também, aos meus irmãos, Juliana e Jefferson por escutarem as minhas angústias e anseios diários. Assim como agradeço a minha sobrinha, Júlia, por cada sorriso que me proporcionou nos momentos de aflição. Te amo, sem limites.

Agradeço a Emanuela, por somar infinitamente nos meus dias, me apoiar da maneira mais linda e nunca deixar de confiar no meu potencial. Sou grata por cada momento em que compartilhei com você. Amo você.

Agradeço a todos os melhores amigos que ganhei na vida e também durante a graduação, João, Andreza, Lindalberto, Ayza, Monique, Júlia e Ana Luiza, por sempre me apoiarem. Cada instante, sem vocês não teria sido tão especial. Amo vocês. O que me ensinaram, contribuiu tanto para a pessoa quanto para a profissional que sou hoje.

Agradeço a todos/as que compõem o Departamento de Psicologia da UEPB. Principalmente a professora Jailma, por toda confiança, motivação e por seus ensinamentos em aula. Profissional extremamente competente e peça chave no desenvolvimento desse trabalho. Obrigada por sustentar o lugar de saber e contribuir para minha implicação com a psicanálise. Você foi luz nos momentos sombrios, respostas nas situações de dúvidas, angústias e temor.

Por fim, mas não menos importante, agradeço a professora Lígia e ao professor James por aceitarem contribuir com esse trabalho. Muito obrigada!

“Eu sou porta-bandeira de mim. Só não se
perca ao entrar, no meu infinito particular.”
Marisa Monte

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	08
2	O FEMININO EM FREUD.....	09
2.1	RELEITURA LACANIANA DO ÉDIPO FREUDIANO.....	12
2.2	SEMBLANTE, GOZO E FANTASIA.....	15
3	CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
4	REFERÊNCIAS	20

ARRANJOS DO FEMININO: CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE

FEMALE ARRANGEMENTS: CONTRIBUTIONS OF PSYCHOANALYSIS

Jhamily de Sousa Tomaz*

RESUMO

Considerando a importância que a sexualidade tem na psicanálise, este artigo tem como objetivo analisar as contribuições da mesma, na perspectiva de Freud e Lacan, sobre o feminino. Por meio de uma revisão bibliográfica buscou apontar as semelhanças e diferenças entre os autores, a evolução dos conceitos, bem como as contradições com relação ao discurso da ciência. O feminino para as teorias científicas é definido a partir do sexo biológico da criança. Para a psicanálise é compreendido como a posição escolhida pelo sujeito frente à castração, ao gozo (o falo e o Outro) e a fantasia (ocupando o lugar de falo e de objeto a) a partir da identificação com o par parental. Enquanto posição, o feminino não se restringe apenas a mulheres, mas a qualquer sujeito que se identifique no semblante de mulher, segundo a fórmula da sexuação lacaniana. Desse modo, conclui-se que, Lacan consegue com sua releitura dos escritos Freudianos expandir a compreensão psicanalítica sobre o feminino para concluir que “A” mulher não existe. Por considerar o sujeito dividido e o desejo como inconsciente, a psicanálise não naturaliza o humano e não sucumbe ao dualismo sexo-gênero. Aponta que o feminino é um caminho a ser construído *ad infinitum*, de modo particular.

Palavras-chave: Feminino; Sexuação; Psicanálise.

ABSTRACT

Considering the importance of sexuality in psychoanalysis, this article aims to analyze the contributions of the same, in the perspective of Freud and Lacan, on the feminine. Through a bibliographical review, it sought to point out the similarities and differences between the authors, the evolution of the concepts, as well as the contradictions with regard to the discourse of science. The feminine for scientific theories is defined from the biological sex of the child. For psychoanalysis, it is understood as the position chosen by the subject in the face of castration, jouissance (the phallic and the Other) and fantasy (occupying the place of phallus and object a) from the identification with the parental pair. As a position, the feminine is not restricted only to women, but to any subject who identifies with the right side of the formula of Lacanian sexuation. In this way, it can be concluded that Lacan succeeds in re-reading the Freudian writings to expand psychoanalytic understanding of the feminine. By considering the subject of the unconscious, it does not naturalize the human and does not succumb to the sex-gender dualism. It points out that the feminine is a way to be constructed of the infinite, in a particular way.

Keywords: Female; Sexuation; Psychoanalysis

*Graduanda em Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.
Email: Jhamilytomaz@gmail.com

1 - INTRODUÇÃO

Na atualidade, em meio a um cenário de maior liberdade para discussão sobre o tema da sexualidade e as conquistas galgadas pelas mulheres, muito se tem teorizado sobre as questões de gênero e como estas influenciam e são influenciadas por cada sujeito e pelas instituições sociais. Entretanto, para a psicanálise, os enigmas em torno das posições masculina e feminina surgem desde o nascimento dessa teoria.

Freud recebeu diversas críticas com relação a sua produção no que concerne ao feminino. Por vários momentos, suas contribuições foram compreendidas como machistas e preconceituosas. Desse modo, faz-se necessário sublinhar que na perspectiva psicanalítica, gênero enquanto categoria biológica e sociocultural não responde pelo sujeito.

Diferentemente do discurso positivista propagado pelas ciências, onde feminino e masculino se definem por meio da lógica biológica, XX ou XY, para a psicanálise, feminino e masculino se apresentam como possíveis posições do sujeito frente ao sexual, ao falo e ao gozo.

Conforme Freud ([1925], 1996), feminino e masculino são saídas frente ao complexo de castração, que serão escolhidas por cada sujeito. A menina realiza um trabalho a mais que o menino para ultrapassar o período do complexo de Édipo e para construção de sua feminilidade.

Com os avanços da psicanálise, na releitura lacaniana, sem pretensão de esgotar o tema, o autor apresenta os arranjos do feminino a partir de uma nova perspectiva, possível a partir das contribuições freudianas.

Para além do Édipo, Lacan defende que o posicionamento feminino ou masculino é tomado a partir da escolha de uma das modalidades de gozo –o fálico e o Outro- e da fantasia. A masculinidade se inscreve na lógica do todo e responde ao gozo fálico; a feminilidade, por sua vez, se inscreve na lógica do não todo fálico e se caracteriza por um gozo a mais, não fálico, o Outro gozo.

Na posição feminina, permanece um inominável, um real que desfruta um Outro gozo, suplementar ao falo e sobre esse, nada pode ser dito. Essa escolha acontece a partir das modalidades de satisfação, identificação e desejo; assim, não são definidas conforme o órgão genital de nascimento.

Com relação às modalidades de fantasia, Lacan em seu seminário XX, “*Mais, ainda*”, [(1972/75), 1985], expõe que o sujeito feminino busca ocupar o lugar de objeto *a*, causa de desejo, tomando o outro como falo, na sua relação com o Outro sexo. O sujeito masculino, por sua vez, se relaciona com esse objeto imaginário, que se associa a sua própria fantasia, tendo acesso apenas ao gozo fálico.

Nesse sentido, Lacan [(1972/75), 1985], conclui que “a relação sexual não existe”, visto que acontece de sujeito para objeto. Afirma ainda, que “A mulher não existe”, pois não existe no inconsciente um significante que identifique as mulheres, como ocorre do lado masculino.

Este trabalho pretende então, apontar o feminino como construção subjetiva de cada sujeito que escolhe esse lado na partilha dos sexos, experimentando o gozo fálico e o gozo Outro ou gozo feminino, não possível de nomear, pois escapa à linguagem.

2- O FEMININO EM FREUD

Desde o surgimento da psicanálise, o feminino apresenta-se como tema inquietante para seu criador. A percepção do feminino construída social e cientificamente, não bastou para solucionar o enigma da feminilidade movendo Freud a tracejar caminhos na tentativa de descrever o que quer uma mulher. Caminhando na direção avessa ao discurso médico, foi o primeiro a considerar uma nova perspectiva acerca do corpo e da sexualidade feminina. Contudo desse “continente obscuro” ([1923/25], 1976), como denominou os arranjos do feminino, o autor conseguiu teorizar apenas como a sexualidade feminina constitui-se.

Freud, no rastro da sexualidade como parte da formação dos sintomas, descobre mais um ponto causador de celeuma no meio científico, a sexualidade infantil. Nesse período era dominante uma visão de infância pautada na inocência e ingenuidade, só existindo a descoberta da sexualidade no período da puberdade.

Segundo Ariès (1978), a infância durante a idade média e início da idade moderna caracterizava-se por um período curto e pouco valorizado por parte dos adultos. As crianças eram consideradas ingênuas e graciosas e quando atingiam cerca dos sete anos de idade, introduzidas no mundo dos adultos para aprender os ofícios que desempenhariam no futuro.

Causando bastante impacto a comunidade científica, Freud em “*Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*” ([1905/15], 1976), amplia o conceito de sexualidade como compreendido na época, defendendo uma concepção de infância distante da percepção marcada pela ingenuidade e pureza descrita por Ariès (1978).

Freud afirma que a sexualidade está presente no humano, desde a infância e não é determinada biologicamente. Todavia, a sexualidade infantil concebida por Freud, não é mesma que a sexualidade adulta, pautada no modelo genital e voltada para fins de reprodução como reconhecida em sua época. Conforme Freud, a sexualidade infantil é auto-erótica e está presente em todas as partes do corpo, erotizado a partir do investimento afetivo do par parental.

Ainda no texto “*Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*”, Freud escreve que feminino e masculino estão ligados respectivamente a passividade e atividade pulsional, afirmando que cada humano dispõe de ambas as tendências. Essa disposição bissexual será cristalizada como escolha de orientação sexual na puberdade.

Em sua obra intitulada “*Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos*” ([1925], 1996), a questão traçada por Freud pautava-se em como tornar-se mulher. Nessa obra, Freud expõe que é durante a fase fálica do desenvolvimento psicosssexual que ocorre a relação entre o complexo de Édipo e o complexo de castração onde o feminino se apresentará como posição possível frente ao complexo de castração.

Com o nascimento do bebê, o Outro materno, ou seja, o responsável por satisfazer suas necessidades, toma-o como objeto de desejo alienando-o com seus significantes. Nesse jogo simbiótico, o bebê terá esse Outro materno como primeiro objeto de amor. Durante a fase fálica do desenvolvimento psicosssexual, ao constatar a diferença anatômica entre os sexos, a criança percebe apenas a existência do órgão sexual masculino, o pênis.

Como consequência, na menina, o complexo de castração desperta um sentimento de inferioridade frente essa ferida narcísica, que levará a mesma a afastar-se da mãe, redirecionando seu objeto de amor para o pai, do qual deseja inconscientemente ganhar um pênis. Contudo, o desejo de ganhar o pênis acaba sendo substituído pelo desejo de ter um filho do pai. No menino, o complexo de castração conduz a identificação com o pai enquanto possuidor do falo e o abandono dos desejos edipianos, por medo de ser castrado (Freud, 1925/1996).

Segundo Quinet (2015), o que está em questão no complexo de Édipo, é a primazia do falo como principal característica da organização sexual infantil. Faz-se necessário esclarecer que o falo não é o pênis propriamente dito, enquanto órgão, mas sim enquanto ícone de representação imaginária no corpo, apontando para o ter e o não ter

Freud [(1925), 1996] expõe que no menino o complexo de castração encerra o complexo de Édipo cedendo lugar ao superego. No que concerne as meninas, que vivenciam a castração no real do corpo, o complexo de Édipo apenas se faz possível através do complexo de castração.

No texto “*Sexualidade feminina*” [(1931), 1996], Freud ressalta que na menina, a dificuldade de trocar a mãe pelo pai, está relacionada à dificuldade de abandonar a zona genital, clitóris, pela zona genital, vagina. Essa relação pré-edípica pode manter seus traços na relação da menina com seu pai e se apresenta de fundamental importância para as possíveis saídas do feminino, pois os processos de identificações e da diferença sexual exigem um trabalho psíquico por parte do sujeito sem garantias a priori.

Segundo Freud, é o abandono da atividade masturbatória que abrirá portas para a posição feminina. Em 1931, o autor propõe que devido à insatisfação da menina com seu clitóris e ao julgamento de inferioridade frente ao órgão sexual masculino, a mesma recusa-se em obter toda sua satisfação com ele, abandonando a masturbação. Essa apresenta-se como a primeira saída a situação feminina.

[...] a menina, assustada pela comparação com os meninos, cresce insatisfeita com seu clitóris, abandona sua atividade fálica e, com ela, sua sexualidade em geral, bem como boa parte de sua masculinidade em outros campos (FREUD, 1931/1996, p.141).

Na segunda possível saída, ao deparar-se com a castração a menina intensifica sua atividade masturbatória desafiando a possibilidade de obter sua masculinidade prévia ameaçada. Conforme Freud (1931), esse caso constitui o complexo de masculinidade.

[...] a segunda linha a leva a se aferrar com desafiadora auto-afirmatividade à sua masculinidade ameaçada. Até uma idade incredivelmente tardia, aferra-se à esperança de conseguir um pênis em alguma ocasião. Essa esperança se torna o objetivo de sua vida e a fantasia de ser um homem, apesar de tudo, frequentemente persiste como fator formativo por longos períodos. Esse ‘complexo de masculinidade’ nas mulheres pode também resultar numa escolha de objeto homossexual manifesta (FREUD, 1931/1996, p.141).

Para Freud (1931), a última possibilidade para o feminino, considerada “normal pelo autor”, acontece quando a menina consegue substituir o desejo de ter um pênis pelo desejo de

ter um filho do pai. Trata-se da identificação com a mãe, que não deixa bem definido o ser mãe e ser mulher.

[...] só se seu desenvolvimento seguir o terceiro caminho, muito indireto, ela atingirá a atitude feminina normal final, em que toma o pai como objeto, encontrando assim o caminho para a forma feminina do complexo de Édipo (FREUD, 1931/1996, p.141).

Freud em “*O ego e o Id*” [(1923), 1996] afirma que o superego é herdeiro do complexo de Édipo. Desse modo, essa instância moral, que conduz o sujeito ao cumprimento da lei, nas mulheres se apresentará de modo prejudicado, considerando que o Édipo feminino não termina como na posição masculina.

Assim, a partir do exposto, Freud aponta com sua obra o longo trabalho psíquico a ser realizado no processo de tornar-se mulher. Retrata a necessidade feminina de resignificar suas várias faltas para fazer emergir a verdade de ser. Além disso, as contribuições freudianas no que concerne ao tema da feminilidade contribuiu para abertura de caminhos que possibilitam o avanço de contribuições com relação ao tema.

2.1- RELEITURA LACANIANA DO ÉDIPO FREUDIANO

Ao realizar uma leitura da obra freudiana, Lacan proporciona uma maior compreensão sobre o feminino, para além do complexo de castração. Considera ao remeter-se sobre a difícil posição feminina, a importância das modalidades de gozo e da fantasia.

Em sua obra intitulada “*As formações do inconsciente*” (1999), Lacan ao reler os escritos freudianos sobre o Édipo, realiza a divisão do mesmo em três tempos lógicos: *ser* o falo; *ter* o falo e *não ser* o falo.

No primeiro tempo do Édipo, a criança acredita ser o falo de sua mãe, ou seja, aquilo que lhe faltaria. Supõe que a mesma é feliz e está completa, unicamente por sua existência. A função paterna nesse momento fica em suspenso.

Conforme Quinet (2015), para o bebê a lei materna é onipotente, porque é esta que satisfaz todas as suas necessidades. É pelo lugar que o filho ocupa no discurso da mãe,

que tem valor de falo; O falo simbólico. A criança por sua vez, busca identificar-se com o Outro materno por supor ser este seu objeto de desejo.

Já o segundo tempo lógico do Édipo é marcado pela castração simbólica. A criança inaugura sua capacidade de simbolização e a relação fusional entre mãe e bebê é interditada. A metáfora paterna é sinalizada no discurso materno.

Ao entrar no campo da linguagem, a criança simboliza o Outro materno. Conforme Quinet (2015), a mãe podendo ser simbolizada passa de objeto primordial para signo. Essa simbolização ocorre pela via significante. No que concerne ao Outro materno, faz-se necessária a intervenção de um terceiro para interdição dessa relação fusional, permitindo a criança deparar-se com o campo da falta.

Lacan (1999) expõe que nesse momento o Nome-do-Pai enquanto função simbólica se instaura. A função paterna é introduzida como estatuto de lei, privando o Outro materno de seu filho e privando a criança de seu suposto objeto de desejo. É o Nome-do-Pai que vem barrar o Outro absoluto, possibilitando a entrada da criança na ordem simbólica.

Ainda no segundo momento do Édipo, a criança ao confrontar-se com a castração simbólica, aceita que não tem o falo e que sua mãe também está submetida a esta lei. Passa a conceber o pai enquanto falo materno, imaginariamente. Quinet (2015) afirma,

[...] O Nome-do-Pai, inscrevendo-se no Outro, lugar ocupado anteriormente pela mãe, não simbolizada, permite a articulação entre o complexo de castração e o acesso ao simbólico no processo do Édipo. Por intermédio da metáfora paterna, a significação do falo é evocada no imaginário do sujeito. Antes disso, não havia tal possibilidade. Mas o preço de tornar-se significante é o próprio desaparecimento do falo (QUINET, 2015, p. 41).

Assim, o falo ocupa lugar de significante mestre que possibilita ao sujeito atribuir significados a seus significantes. Deslizando na cadeia significante, possibilita a entrada no campo simbólico, refere-se à posição do sujeito quanto ao seu desejo e ao desejo do Outro e a identificação na partilha dos sexos enquanto homem ou mulher.

No terceiro momento lógico do Édipo em Lacan, o autor afirma que a criança deixa a posição de ser o falo para a posição de ter o falo. Para além da tríade parental, nesse momento a criança constata que o pai também está submetido à lei e ao falo.

Nesse tempo, a criança substitui sua identificação com o eu ideal pelo ideal de eu. O primeiro, o eu ideal, está voltado para a cena inicial narcisista, que jamais será alcançada e remete ao lugar que a criança ocupa no desejo dos pais, de objeto. O segundo, ideal do eu é uma instância secundária originada a partir do complexo de Édipo. Com o par parental; o ideal de eu permite a criança sair da posição de objeto para sujeito desejante. Está voltado para a identificação do homem com a virilidade e a possibilidade para a mulher situar-se como objeto de amor para o homem.

Lacan em 1972 descreve que a mulher, com relação ao homem é um sintoma. Entretanto, o homem com relação à mulher é pior do que um sintoma é uma devastação para ela. Isso ocorre, pois essa maneira de amar feminina posiciona a mulher no lugar daquilo que ela não é, esperando ser amada e desejada.

Conforme exposto, fica evidente que o falo está na linguagem e na cultura para além de qualquer sujeito da tríade parental. Quer seja, a criança, a mãe ou o pai, todo sujeito está submetido à lei simbólica da linguagem, numa determinada cultura. Faz-se necessário destacar, que ao utilizar os termos pai e mãe, Lacan está abordando funções, que podem ser ocupadas por sujeitos tanto do sexo masculino quanto do sexo feminino e a essas funções não dizem também do parentesco biológico, mas da adoção no desejo de quem toma uma criança como filho.

A castração em Lacan, não se trata então, da falta de um objeto natural, mas do encontro com o significante fálico e seu poder de inscrever tanto o menino quanto a menina no campo da sexuação. Caso essa escolha não seja feita por parte do sujeito, adentramos ao campo da psicose

Em seu seminário XX, “*Mais, ainda*”, expõe que a sexualidade feminina se constitui pela diferenciação entre o gozo fálico e gozo suplementar. Retomando o segundo tempo lógico do Édipo, a entrada na linguagem provoca o surgimento do gozo fálico, marcado pela influência significante.

2.2 - SEMBLANTE, GOZO E FANTASIA

Freud articula o feminino marcado pela falta no corpo, pela incompletude fálica. Lacan por sua vez, articula o feminino não sobre o viés anatômico, mas sim sobre a falta de significante para descrever “A mulher” de maneira universal.

Descreve que todos os seres humanos estão inscritos na função fálica, de um lado ou de outro [(1972/75), 1985] e elabora nessa mesma obra, o seminário XX, “*Mais, ainda*” a fórmula da sexuação para traçar o percurso da diferença entre os sexos.

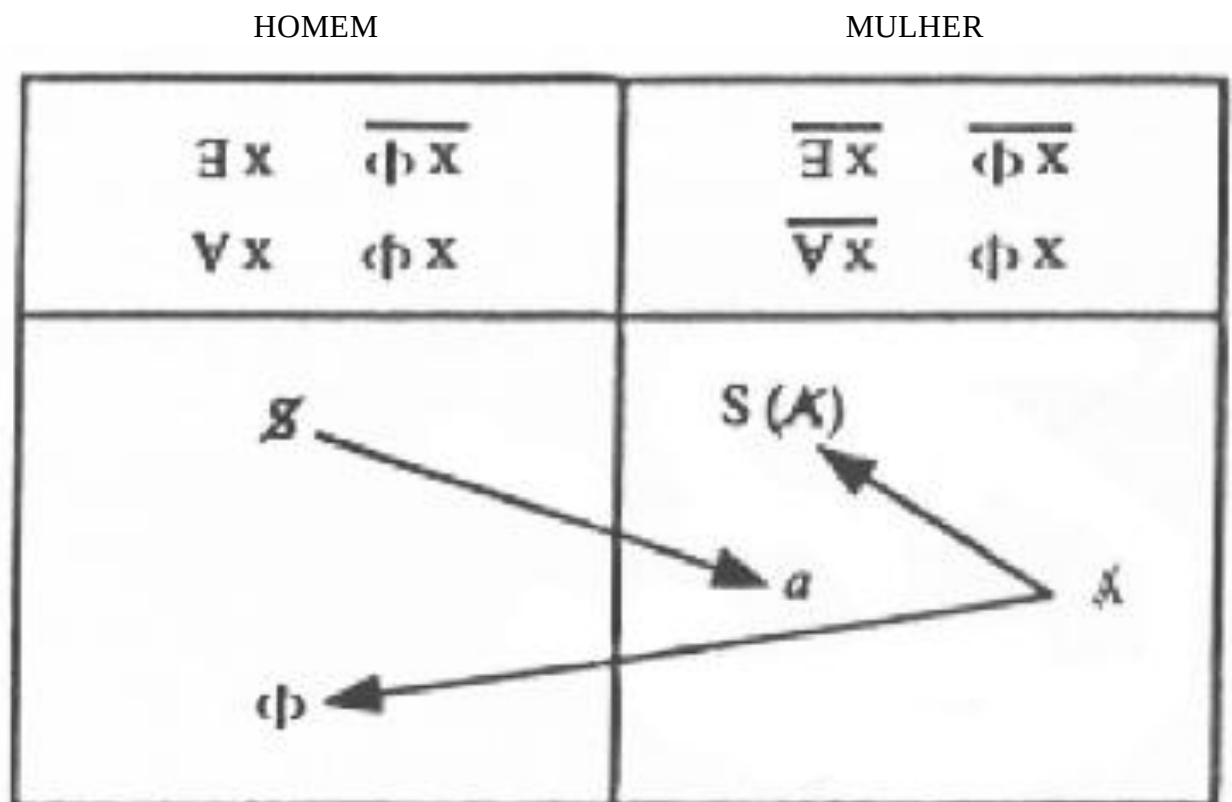


Figura 1 - Fórmula da sexuação

Lacan elaborou as seguintes fórmulas, fundamentado na lógica matemática propriamente dita. Situa a posição masculina, do lado esquerdo e a posição feminina, do lado direito.

Com relação aos símbolos utilizados, emprega o quantificador universal, ou seja, para todo ($\forall$), o quantificador existencial, ou seja, existe um ($\exists$), sujeito (X), o sujeito dividido ($\$$), o símbolo fálico (Φ), o objeto a (a), o significante de uma mulher ($A/$) e o significante da falta no Outro [$S(A/)$].

Do lado masculino, Lacan estabelece duas fórmulas lidas da seguinte maneira: na linha superior do lado esquerdo, “existe ao menos um homem para quem a função fálica não incide”, e na linha inferior do mesmo lado “para todo homem é verdadeiro que a função fálica incide”.

Remetendo ao pai da horda primitiva de Totem e Tabu (1913), Lacan seguindo Freud, aponta que apenas este homem gozou de todas as mulheres de sua tribo. Com o assassinato do pai primevo e a instauração da lei do incesto, todos os filhos estão submetidos a lei. Esta lei simbólica remete a castração e evidencia que a regra universalizada surge frente à exceção, a esse menos um.

Na posição masculina, tudo se refere à norma fálica. Sob a ameaça da castração, esse gozo fálico ordena-se em volta do significante “virilidade” que deixa o sujeito masculino as voltas entre ter o falo e o medo de perdê-lo.

Do lado feminino, a linha superior do lado direito afirma que “não existe ao menos uma mulher para quem a função fálica não incide” e a linha inferior direita expõe que “para não-toda mulher é verdadeiro que a função fálica incide”.

No caso dos sujeitos femininos, não existe exceção. Não existe uma mulher que escapou a castração e dessa forma, não existe a regra. A partir disso, Lacan expõe que as mulheres não fazem um conjunto universal e que “A mulher”, toda fálica, não existe.

Em seu axioma “A mulher não existe”, Lacan explica que não há no inconsciente significante que represente a posição feminina, como ocorre com os sujeitos masculinos que se identificam por possuir a representação do falo. Afirma que o feminino está fora do possível de nominar, não existindo um conjunto que faça a mulher perceber-se em um todo feminino. Cada mulher constrói-se uma a uma.

Na posição feminina, que não sofre as consequências da castração de modo igualmente incisivo e não possui um significante em torno do qual se ordene o feminino, a mulher conserva esse gozo fálico e um gozo a mais, para além do gozo fálico, o gozo do Outro fora da linguagem e que o simbólico não recobre.

Outra premissa constatada por Lacan [(1972-73), 1985] retrata que “a relação sexual não existe”, pois, essa relação não se dá de sujeito a sujeito, mas de sujeito a objeto, idealizado. É impossível a relação entre “O Homem” (o todo) com uma mulher (não-toda). Os dois tipos de gozo (fálico e o Outro) diferem entre si e juntos não fazem um e mesmo entre dois homens ou entre duas mulheres, sempre a relação acontece com o Outro sexo, um dos dois está na função fálica e o outro no lugar de objeto.

No que concerne as modalidades da fantasia, do lado masculino da fórmula da sexuação, o sujeito feminino é tomado como uma pequena parte, ou seja, objeto *a*. O sujeito dividido (\$) para sustentar-se na relação com a posição feminina, se relaciona com a imagem desta que corresponde com seu objeto de fetiche, ou seja, convoca o feminino a responder do lugar de objeto *a*, causa de desejo, que o leva a ver na mulher a personificação da ameaça de castração.

Do lado feminino, que está para além do falo, a mulher não-toda fálica (A/) busca ocupar o lugar de falo na intenção de causar o desejo de seu parceiro. Ocupar esse lugar, de objeto causa do desejo, exige da posição feminina tornar-se parte da fantasia particular masculina para assim, ambos atingirem o gozo fálico.

A posição masculina corresponde ao gozo fálico (Φ), limitado pela falta dada pelo significante parcial. Conforme Lacan [(1972/75), 1985], por se inscrever na linguagem, o gozo fálico pode ser enunciado em palavras. Trata-se de uma modalidade de gozo que pode ser alcançado, como exemplos, o gozo sexual ou do sintoma. É o gozo fálico que ordena o simbólico e a cultura.

A partir do exposto, fica claro que a forma que o sujeito masculino lida com a não existência da relação sexual se apresenta de maneira diferente como a forma que os sujeitos femininos. Cada sujeito da relação estabelece exigências diferentes de seu parceiro. O homem faz da mulher um objeto fetiche, um objeto *a*, causa do seu desejo, enquanto a mulher, faz do homem um Outro que fala, que lhe fala.

Estar totalmente submetido à função fálica implica a garantia da castração e do gozo como destino, ao qual o sujeito terá acesso por meio da fantasia. O gozo masculino, conforme Lacan [(1972/73), 1985] ocorre na lógica do universal.

O gozo feminino por sua vez, ocorre na lógica do singular. Inventar-se e reinventar-se de modo particular. É esse o caráter a mais do gozo feminino, não-todo fálico. Remete-se ao que não pode ser dito e ilimitado.

A posição feminina desfruta do gozo fálico - gozo sexual, mas também de um Outro gozo, suplementar ao falo (Lacan, 1972/73). Lacan situa o gozo do Outro nesta mesma obra, como algo que é experimentado pela mulher, mas não pode ser dito. Essa vertente do gozo se aproxima da ordem do real e foge de qualquer simbolização imaginável.

Todavia, faz-se necessário destacar que a posição feminina enquanto modalidade de gozo pode ser dirigida tanto as mulheres quanto aos homens. Além disso, Lacan [(1972/73), 1985] adverte que o feminino não deixa de estar no todo por ser não-toda fálica. O feminino está para além do gozo fálico.

Se a mulher não admite o vazio ela perde a possibilidade de colocar outras coisas no lugar. A posição feminina buscará *ad infinitum* significantes na tentativa de lidar com sua subjetividade, construindo um saber sobre sua própria falta de modo único.

A partir dessas contribuições lacanianas pautadas na falta significativa, o feminino não se apresenta pela falta física marcada no corpo. O que define o feminino está na articulação do gozo fálico com o Outro; esse trabalho a mais, a ser realizado pelos sujeitos femininos para se inscreverem no campo da sexualização.

Toda e qualquer saída proposta por Freud ou Lacan, seja da ordem da maternidade ou do amor, se apresentam insuficientes para descrever o que quer uma mulher.

3- CONSIDERAÇÕES FINAIS

A psicanálise descobre desde os primórdios de sua construção a sexualidade como fator mobilizador do desejo humano. Desse modo, discorrer sobre o feminino é adentrar nesse campo, e nos arranjos em torno da sexualidade, que cada um, precisa fazer frente à sua escolha na partilha dos sexos, com qual semblante vai atuar, se no lado masculino ou no feminino.

O feminino na teoria psicanalítica não se constitui pelo caráter biológico do humano, mas sim, a partir das suas relações, da entrada na linguagem e na cultura. Constitui-se como um processo subjetivo que não é definido biologicamente, ainda que sofra sua influência.

Lacan ([1972/73], 1985), afirma que ao pensar o feminino não se deve trabalhar com o binarismo mente/corpo ou natureza/cultura. Dessa forma, a psicanálise se distingue do discurso das outras ciências, que buscam naturalizar e idealizar comportamentos para os sujeitos.

A criança, desde seu nascimento carece definir seu lugar no mundo. Esse lugar é em primeira instância, um lugar sexual (sou homem ou sou mulher?). Desse modo, a psicanálise possibilita dar voz a esse sujeito.

Mesmo diante das dificuldades para compreender o feminino em Freud, suas contribuições foram de grande importância para evolução da psicanálise. Lacan ao realizar a releitura dos escritos freudianos, consegue diminuir as lacunas existentes sobre essa possível saída. Consegue também, questionar uma das maiores críticas feitas a psicanálise pelos movimentos feministas: considerar o masculino como superior ao feminino. Feminino e masculino, enquanto construções sociais não se aplicam ao saber psicanalítico.

Em uma análise mais bem elaborada da teoria, escolher pela posição feminina implica um trabalho a mais a ser realizado, uma vez que cada mulher deve por si só, a partir de suas relações, tornar-se mulher.

Em Freud ([1933], 1996), o autor aponta como melhor saída para os enigmas femininos, a maternidade. Porém, com os avanços sociais alcançados pelas mulheres no século XXI e as contribuições Lacanianas sobre o feminino, outros substitutos fálicos podem ser pensados como soluções para o enigma da feminilidade. Reconhecimento social e

profissional são alguns deles. Contudo, essas soluções só podem ser pensadas no um a um, de maneira singular e parcializada. Cabe a cada mulher, tracejar seu próprio caminho na tentativa de lidar com aquilo que escapa e que não pode ser dito, construindo como se tornar mulher.

4- REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. **História social da infância e da família**. Tradução: D. Flaksman. Rio de Janeiro: LCT, 1978.

FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. (1905/15). Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976.

FREUD, S. **Totem e tabu**. (1913). 1 ed. Rio de Janeiro: Companhia das letras, 2013.

FREUD, S. **O ego e o id**. (1923). Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. **Algumas Consequências Psíquicas Da Diferença Anatômica Entre Os Sexos**. (1925). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. **Sexualidade feminina**. (1931). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. **Feminilidade**. (1933). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LACAN, J. **O Seminário – Livro 5 "As formações do inconsciente"**. 1 ed . Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

LACAN, J. **O Seminário – Livro 20 "mais, ainda"**. 1 ed . Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

QUINET, A. **Édipo ao pé da letra: fragmentos de tragédia e psicanálise**. 1 ed. Rio de